

• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia

Orgânicos para os alunos

páginas 6 a 9

• “GANHOU PORQUE...” •

Pesquisa revela estereótipos de gênero nos discursos da mídia durante Olimpíadas

páginas 4 e 5

• RÚSSIA X UCRÂNIA •

Geopolítica e interpretação da cobertura midiática para entender a fundo o conflito

páginas 10 e 11

• RECOMEÇAR É UM PRESENTE •

Dois anos após suspensão das atividades presenciais, estudantes estão de volta

página 12

Meio século de CEFET-MG



É difícil falar sobre 50 anos de vida numa instituição como o CEFET-MG, principalmente porque foram tempos de grandes transformações. Na realidade, são 53 anos, pois sou da primeira turma do técnico em Eletrônica, de 1969. Os 50 anos são apenas de docência.

Quando fui contratado, em 1972, a legislação que regia os cursos técnicos era bem diferente da de hoje. Para um jovem de 21 anos, trabalhar na Escola Técnica Federal de Minas Gerais era um tremendo orgulho. E hoje ainda é. Mas foram tempos difíceis, estávamos em plena ditadura militar. Em algumas ocasiões, quando aplicávamos provas do processo seletivo, as salas eram invadidas por inspetores do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que, de carteira em carteira, solicitavam documentos aos candidatos.

Durante esses 50 anos, aconteceram fatos positivos e negativos. Posso citar um que mostra o espírito do nosso professor. Em 1980, quando os laboratórios foram transferidos para o Nova Gameleira, encontramos “uma terra árida”. O espaço era inadequado, com umas salas pequenas e outras grandes demais. Afinal, foram construídas para o curso de Veterinária da UFMG. Mas não deixamos a peteca cair. Fizemos de tudo para adequar o ambiente às nossas especificidades. Tiro o chapéu para todos que, deixando seus títulos acadêmicos de lado, puseram, literalmente, a mão na massa.

Na área de ensino, posso dizer que os recursos eram bem mais limitados que hoje. O próprio técnico em Eletrônica foi criado tendo como alicerce laboratórios montados com equipamentos provenientes de um convênio que o Brasil fez com países do leste europeu, que já eram obsoletos e pouco didáticos. Os professores das disciplinas técnicas eram engenheiros ou práticos, e não tinham formação pedagógica. Eu sou exemplo disso. A luta foi grande para chegar ao que temos hoje:

laboratórios atualizados e didaticamente adequados e um corpo de professores altamente qualificado.

As mudanças não foram apenas as relacionadas aos recursos físicos e humanos. Como sempre participei da administração, como professor, coordenador de curso, chefe de departamento, diretor de *campus*, acredito que o crescimento institucional foi maior no aspecto das políticas internas. Antes, as decisões eram tomadas pelos diretores com pouca discussão na comunidade. Hoje, quem dirige a Instituição são os conselhos e colegiados. Os diretores e coordenadores são apenas a parte executiva.

Dizer o que o CEFET-MG representa para mim não é difícil. O que já expus dá uma ideia. Mas representa muito mais. Afinal, estar aqui esse tempo todo é significativo. Veja bem, três filhos estudaram e se profissionalizaram aqui. Grande parte de minha formação acadêmica também veio daqui. Valorizo muito a liberdade que nos é dada ou confiada, no sentido de definirmos aspectos pedagógicos da função. Aqui, há uma confiança implícita em nosso trabalho. Isso é muito importante.

Ari Divino Soares

Professor do Departamento de Eletrônica e Biomédica
(*campus* Nova Gameleira)

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral

Prof. Flávio Santos

Vice-Diretora

Prof.^a Celeste Costa

Secretário de

Comunicação Social

Luiz Eduardo Pacheco

Editor

André Luiz Silva
MTB 15.533/MG

Projeto Gráfico

Brígida Mattos Ornelas

Diagramação

Brígida Mattos Ornelas

Capa

Brígida Mattos Ornelas

Equipe de Jornalismo

Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG
CEP 30.421-169

Tel. (31) 3319-7004

cjc@cefetmg.br | www.cefetmg.br

Equidade no pagamento de bolsas

Valores e cargas horárias das bolsas de ensino, pesquisa e extensão são normatizados

• Nívia Rodrigues •

Patrícia Balbio, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil (PPGEC), recebe, desde o primeiro semestre do curso, bolsa que possibilita dedicação exclusiva à pesquisa. Como ela, mais de 550 estudantes vinculados às Diretorias de Extensão, Graduação e Pesquisa e Pós-Graduação recebem o auxílio. Para garantir valores e cargas horárias justos e padronizados, a Diretoria-Geral normatizou as bolsas recebidas por estudantes que participam de projetos acadêmicos no CEFET-MG.

Desde fevereiro, portaria fixa os valores de bolsas e as cargas horárias. O documento complementa resolução publicada em julho do ano passado, que estabelece, de forma objetiva, parâmetros e diretrizes para referenciar os auxílios de ensino, pesquisa, extensão, desenvolvimento institucional e estímulo à inovação. Nessas regulamentações estão inseridas as bolsas pagas com recursos próprios do CEFET-MG e de fundações de apoio, seja para docentes, técnicos administrativos ou estudantes.

Patrícia trabalhava antes de receber a bolsa e entende bem a importância do auxílio e os percalços vividos por quem estuda e trabalha.

“A bolsa é fundamental para a continuidade dos meus estudos, pois preciso estar focada na elaboração da tese. E, para isso, tanto o tempo totalmente direcionado para a pesquisa, como a garantia de recursos financeiros para me suportarem neste período são fundamentais”, avalia. Em sua pesquisa, a arquiteta e urbanista busca relacionar a diminuição dos impactos ambientais causados pela construção civil no que diz respeito ao consumo de matérias-primas e geração de resíduos.

Os valores são sempre compatíveis com a qualificação, a experiência, a atividade e a carga horária envolvida e, para os alunos, correspondem aos valores estabelecidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os estudantes dos cursos técnicos integrados tiveram ainda a dedicação aos projetos de ensino, pesquisa ou extensão limitada a 12 horas semanais. Os valores e cargas horárias vão desde R\$ 350 (12h) para os pesquisadores da Iniciação Científica Júnior e da Extensão até R\$ 2.750 (dedicação exclusiva) para pesquisadores do doutorado.

BOLSAS OFERTADAS PELO CEFET-MG

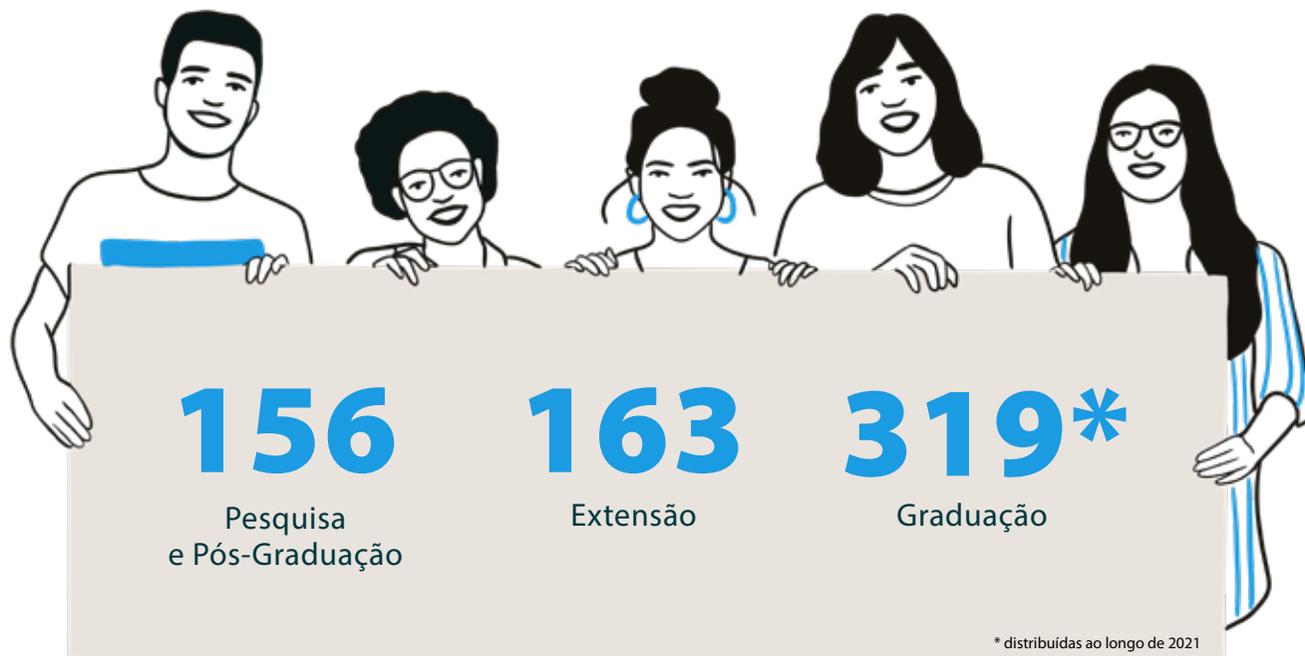


Ilustração: Brígida Matos

Esporte, “coisa de mulher”

Estudo aponta a (re)produção de estereótipos de gênero que atribui a conquista feminina nos Jogos Olímpicos de Tóquio a fatores externos

• Flávia Dias •

Jogos Olímpicos de Tóquio 2021. Atletas de diversas partes do mundo disputando medalhas em 46 modalidades de esportes. A presença feminina, representada por 48,8% dos atletas, deu-se em vários esportes, basquete, vôlei, ginástica artística e ainda no *skate* e futebol, modalidades culturalmente representadas por homens. Nos Jogos, o Brasil levou 21 medalhas, sendo sete de ouro. Destas, três conquistadas por mulheres: maratona aquática (Ana Marcela Cunha), salto em ginástica artística (Rebeca Andrade) e vela (Martine Grael e Kahena Kunze).

Mas, nem sempre foi assim, a inclusão das mulheres nos esportes foi construída com pequenos avanços e muita luta. Por muitos anos, na história do esporte, as mulheres não tiveram sequer a oportunidade de participar. Nesse sentido, pesquisadores dos *campi* Araxá e Varginha do CEFET-MG analisaram a representação da mulher no e pelo discurso do esporte. O projeto surgiu a partir de discussões realizadas entre a professora de Educação Física no *campus* Varginha Gabriela Villela e os professores do *campus* Araxá Milene Bianchi (Biologia), Sérgio Barcelos (Educação Física) e Érica Araújo (Língua Portuguesa). O grupo interdisciplinar desenvolve pesquisas e projetos

de extensão relacionando diferentes áreas.

O projeto aliou as áreas de Língua Portuguesa, Educação Física e questões sobre igualdade de gêneros e buscou, entre outros objetivos, instaurar um espaço de reflexão sobre os processos de atribuição de sentidos aos discursos, verbais e não verbais, relacionados ao esporte e às práticas corporais. A ideia foi analisar o discurso formulado em capas do jornal *O Globo* sobre os Jogos Olímpicos de Tóquio 2021. “Em nossas análises, embora tenhamos constatado certo destaque para as mulheres no discurso esportivo (ao figurarem nas capas, por exemplo), verificamos a (re)produção de estereótipos que atribuem a conquista feminina como decorrência de fatores externos, fato que reforça a desigualdade de gênero”, conclui a professora Érica.

Igualdade de gênero?

Quando assistimos aos Jogos Olímpicos de Tóquio, percebemos a participação feminina, mas isso é suficiente para pensarmos em igualdade de gênero? “Esta é uma temática extremamente importante a ser considerada no espaço da educação básica, minimamente,

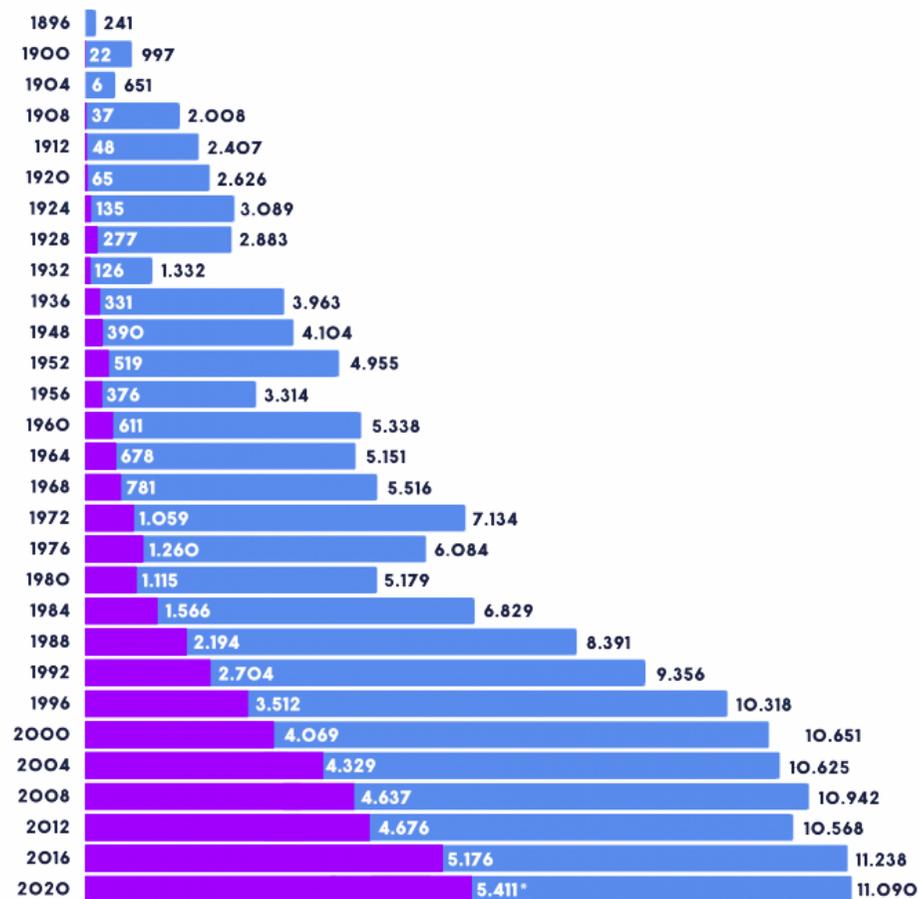
por dois motivos. O primeiro, por permitir a formação de leitores ativos, críticos, conscientes da incompletude da linguagem, do equívoco inerente à língua e das inúmeras possibilidades de deslizamentos de sentidos. O segundo, por reforçar a necessidade de enfrentamento das desigualdades em variadas esferas sociais, como na mídia esportiva”, reflete Érica.

Tradição na Grécia Antiga, os Jogos Olímpicos mostraram o domínio dos homens; em Atenas, as mulheres eram privadas de participar como competidoras e espectadoras. Entre as brasileiras, a primeira a competir em Jogos Olímpicos foi a nadadora Maria Lenk, em 1932. Já acompanhada de outras brasileiras, Lenk foi a primeira mulher a usar o nado borboleta, em 1936.

Em 1941, com o Decreto-Lei nº 3.199, de Getúlio Vargas, mulheres foram proibidas de praticar esportes “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em 1965, na Ditadura Militar, o artigo 54 foi reeditado, incluindo novas modalidades desportivas, porém não foi “permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e baseball” para mulheres. O fim das restrições às mulheres só ocorreu em 1979.



PROPORÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS

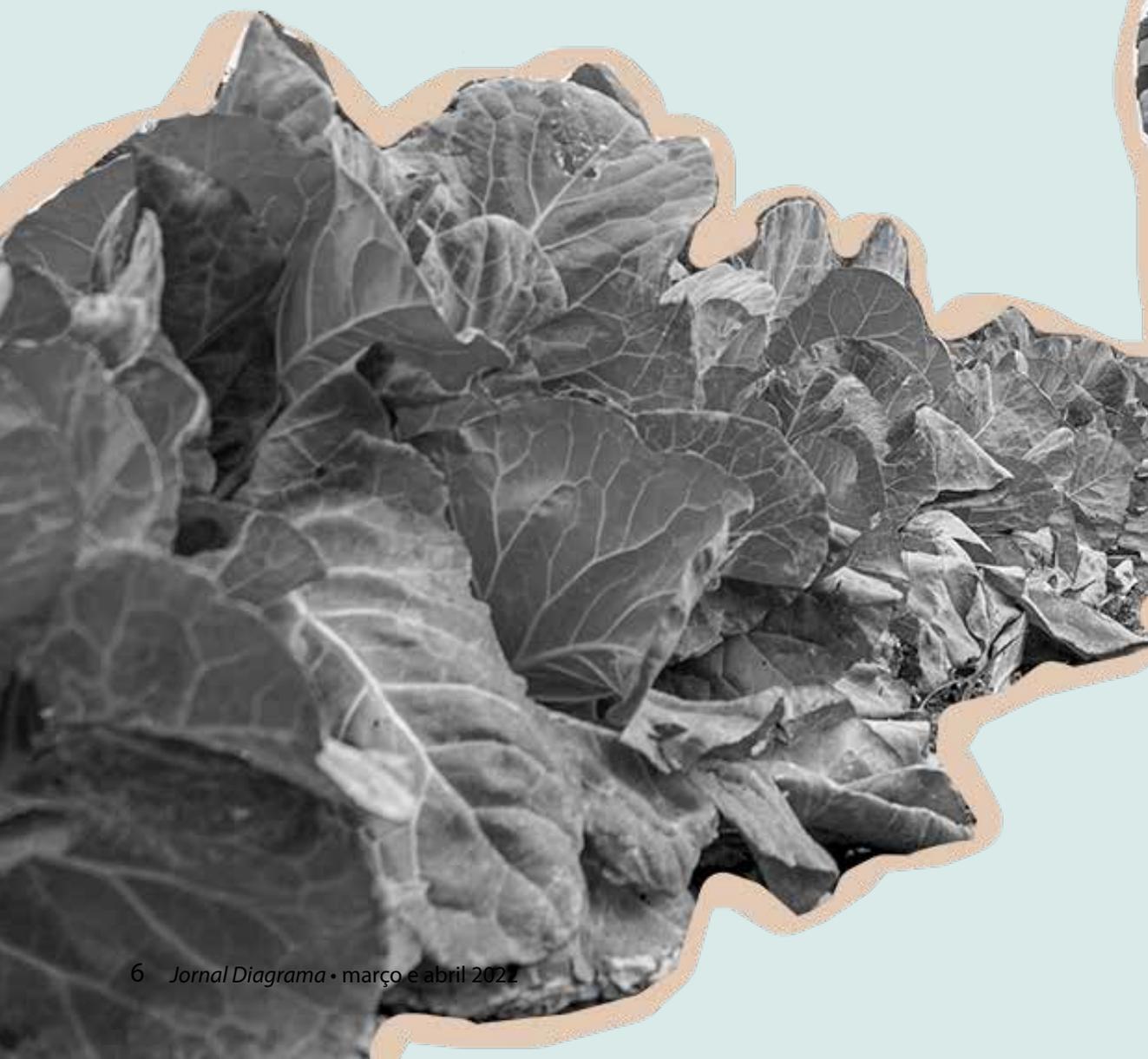


■ Mulheres
 ■ Total de atletas
 *número aproximado

FONTE: @ELASQUELUCREM

Do campo para o CEFET-MG

Instituição adquire 9.617 *kits* de alimentos
100% orgânicos a alunos e suas famílias com
recursos do PNAE





• André Luiz Silva e Diogo Tognolo •

De acordo com o [Censo Agropecuário 2017](#), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a agricultura familiar tem participação significativa na produção de alimentos que vão para a mesa do brasileiro: nas culturas permanentes, responde por 48% da produção de café e banana; nas culturas temporárias, 80% da produção de mandioca, 69% de abacaxi e 42% da produção de feijão. Apesar de ocuparem só 23% da área total da agropecuária brasileira, a agricultura familiar emprega mais de 10 milhões de pessoas e 77% dos estabelecimentos agrícolas do país foram classificados nessa modalidade.

O kit de alimentos que está sendo distribuído pelo CEFET-MG aos 6.126 alunos matriculados no ensino médio técnico integrado tem esse DNA. Isso porque todos os itens da cesta (arroz, feijão, leite em pó, café, canjiquinha, fubá de milho e suco de uva integral) são oriundos da agricultura familiar. A ação foi coordenada pela Diretoria de Desenvolvimento Estudantil (DDE) e custeada pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), fundo que já é responsável por parte dos recursos destinados aos restaurantes da Instituição. Uma resolução do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) permitiu o uso do dinheiro para compra e entrega de kits de alimentos diretamente aos estudantes da Educação Básica em razão do período pandêmico da covid-19.

Começou, então, uma mobilização no CEFET-MG para o uso desse recurso, como conta a diretora da DDE, professora Carolina Riente. “As nutricionistas das Coordenações de Desenvolvimento Estudantil de todos os *campi* tiveram um papel fundamental, com o desenvolvimento de estudos preliminares e comparativos. Tivemos também o apoio da Diretoria de Planejamento e Gestão, que trabalhou com prazos enxutos para realizar a chamada pública em tempo hábil”, afirma.

O investimento total foi de R\$1,1 milhão, para adquirir 9.617 kits da Cooperativa dos Trabalhadores da Reforma Agrária Terra Livre – todos de origem agroecológica. A lei estipula que 30% do valor do recurso do PNAE deve ser destinado a produtos de agricultura familiar. O que o CEFET-MG fez foi usar todo o recurso nessa modalidade. Como explica a nutricionista do *campus* Varginha Andreza de Figueiredo, a oferta de produtos da agricultura familiar na alimentação escolar se tornou obrigatória a partir de 2009. “Ela visa à oferta de alimentos produzidos sem o uso de agrotóxicos, ou seja, orgânicos ou agroecológicos e, desde então, foi responsável por uma mudança de contexto, fortalecendo pequenos produtores e impactando positivamente na situação econômica de suas famílias e das suas comunidades rurais”, afirma. Carolina Riente completa, destacando os ganhos sociais. “Com isso, estamos cumprindo uma dupla função social do recurso, que é atender aos alunos e suas famílias e também contribuir com a manutenção de famílias de produtores agrícolas”, conta.

Para além dos ganhos dos produtores, também os estudantes são beneficiados com a agroecologia. “Há ganhos relevantes como a ingestão de alimentos de época, regionais, mais saudáveis e livres de agrotóxicos. Eles são produzidos em um contexto que prioriza a sustentabilidade e, num escopo mais amplo, todos ganham face à garantia de uso responsável da água e do solo e da proteção do meio ambiente”, afirma Andreza.





Agricultura familiar, sim, é tech, pop, tudo

A cesta foi produzida pela Cooperativa dos Trabalhadores da Reforma Agrária Terra Livre, habilitada pelo chamamento público do CEFET-MG em primeiro lugar. A Cooperativa, localizada no município de Nova Santa Rita, Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, surgiu em 2008 por iniciativa de famílias assentadas da reforma agrária. Seu objetivo é apoiar as famílias na busca por alternativas produtivas na geração de renda, permitindo a permanência no campo, por meio de sua reprodução econômica, social e cultural, numa perspectiva sustentável.

De acordo com o representante comercial dos produtos “Terra Livre” Mauro Oteiro, que trouxe, presencialmente, a proposta da Cooperativa para o chamamento público, hoje, a organização conta com 914 famílias associadas, sendo que 80% são de assentados da reforma agrária, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

A organização, que já participa de vendas voltadas para a merenda escolar, por meio do PNAE, atualmente atende a instituições de ensino em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia, Paraná e Rio Grande Sul. De acordo com Mauro, a comercialização direta com as escolas possibilita acesso ao mercado de forma justa, valorizando o trabalho e o produto. “Com isso, a gente rompe com a exploração, com a figura do atravessador, que comprava na safra quando queria, depois vendia para outro. Agora, no caso do arroz, por exemplo, já temos nossa própria semente, nosso custeio com o agricultor, nosso próprio maquinário, nossa indústria. Em todos esses processos, nós vamos eliminando um grau de exploração. Mas nada adiantaria se, no final, não houvesse um mercado”, explica o representante, que acrescenta: “Rompendo com a exploração financeira, conseguimos eliminar outros tipos de exploração (de gênero, de raça etc.) que se dão nessas cadeias do agronegócio”.



Refazendo(a)

Não bastasse ser de agricultura familiar, o *kit* é, ainda, de produtos orgânicos ou agroecológicos, sem aditivos químicos ou com quantidade reduzida em comparação ao cultivo habitual, na contramão do Projeto de Lei nº 6.299/2002, que flexibiliza as regras para produção, fiscalização e uso de agrotóxicos no país, que, mesmo já aprovado na Câmara dos Deputados, é rechaçado por importantes órgãos federais, como Anvisa e Ibama.

Segundo Mauro Oteiro, os alunos do CEFET-MG e suas famílias vão consumir produtos 100% orgânicos, frescos, certificados, de excelente qualidade, sem nenhum tipo de exploração. “Falo isso, porque nossos produtos têm que cumprir inúmeras cláusulas contratuais: de validade, não pode mudar marca, não pode alterar contrato de indústria; enquanto na licitação, a empresa vencedora só precisa entregar um produto ‘xis’ que não esteja estragado. Nutricionalmente, então, há um abismo entre nossos produtos e aqueles comprados no pregão”, explica.

Até o fim de março, cerca de 2.600 *kits* já haviam sido distribuídos pelas diretorias de todos os *campi* da Instituição. Qualquer estudante de cursos técnicos integrados do CEFET-MG pode se inscrever para o apoio, sem nenhuma seleção prévia.

Um dos primeiros a buscar as cestas foi Gabriel Vitor (foto à esquerda), estudante de Mecatrônica do *campus* Nova Suíça (Belo Horizonte). Após receber os alimentos referentes aos meses de janeiro e fevereiro, ele conta que achou a iniciativa importante e destacou o fato dos alimentos serem orgânicos. “A cesta colaborou para a alimentação da minha família: vieram muitos alimentos e coisas que usamos sempre, como arroz”, diz. Ele também vê a importância para seus colegas e todos os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica: “Algumas pessoas podem acabar não tendo a renda suficiente para ter uma alimentação de qualidade, no nível em que o CEFET-MG está distribuindo”.

João Otávio Ferreira, aluno do terceiro ano do Técnico em Edificações no *campus* Varginha, aprovou a qualidade dos itens: “Gostei muito dos produtos; foi de imensa ajuda, porque, atualmente, até esse tipo de alimento, que deveria ter um preço acessível, está subindo. Então, o *kit* ajudou muito”, conta. Sobre a origem orgânica e de agricultura familiar, o estudante revela que não sabia, e reforça para que a iniciativa tenha continuidade: “Achei muito interessante. Na minha opinião, o CEFET-MG deveria fazer isto mais vezes para ajudar as famílias responsáveis por produzir esses alimentos e os alunos da Instituição”.



RÚSSIA

UCRÂNIA

“Numa guerra, a primeira vítima é a verdade”

Nem mocinhos, nem vilões: para entender o conflito na Ucrânia, olhares para a geopolítica e para a cobertura midiática são necessários

• Gilberto Todescato Telini •

Em dois meses, o saldo da guerra na Ucrânia é negativo: a ofensiva russa custou U\$564,9 bilhões à economia ucraniana. Segundo a ONU, contabiliza-se 1.110 vítimas civis desde o início, em fevereiro.

As razões da guerra são diversas, sobretudo históricas. No século 17, uma área do território ucraniano foi integrada ao Império Russo e a região reorganizada em províncias russas. A Ucrânia se tornou um país

após a Primeira Guerra Mundial, integrando a extinta União Soviética a partir de 1922. Em 24 de agosto de 1991, tornou-se independente.

A partir daí, a Ucrânia se aproximou da União Europeia e sinalizou interesse em participar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), liderada pelos EUA. Os dois pontos geram tensão para a Rússia, que teme uma influência ocidental.

A geopolítica explica

“Você pode escolher seus amigos e inimigos, mas não seus vizinhos”. Esse ditado, trazido pelo professor Daniel de Souza, do Departamento de Geografia do CEFET-MG (BH), traz um elemento para a compreensão da guerra: disputa de território.

A reunificação alemã e o fim da União Soviética, em 1990, levaram analistas a decretar o fim da geopolítica e a vitória da globalização, fazendo surgir mundo sem fronteiras, com livre circulação de bens e pessoas. Assim, a Ucrânia “deixou de ser um ‘muro’ russo e virou ‘ponte’ europeia e dos EUA rumo ao território russo”. “A geopolítica lida com conflitos de interesse. A Rússia é o maior país do mundo em área, mas possui pouco acesso ao comércio marítimo. De repente, se vê cercada de bases da Otan e de países que fazem parte da Organização. O que está em jogo, sob a ótica da geografia, é a Rússia querendo estabelecer quem ela quer como vizinho”, ilustra Daniel.

Os EUA e a União Europeia, anteriormente, acreditaram e investiram numa integração econômica com a Rússia. “Magnatas russos receberam aval para lavar dinheiro em países europeus, comprando times de futebol e até espaço em grandes esquemas econômicos. Acreditava-se que quanto mais integrada a Rússia estivesse, menos raivosa seria contra o ocidente”, explica.

Guerra midiática

Em 10 anos, o número de países em conflito quadruplicou. Segundo o Banco Mundial, 23 países, com uma população estimada de 850 milhões de habitantes, enfrentam situações de guerra.

A guerra na Ucrânia é mais uma entre todos esses conflitos, mas mobiliza intensa cobertura midiática e grande repercussão, e parece relativizar o horror provocado pelas guerras em outros países. O que pode explicar a discrepância no tratamento sobre conflitos pelo mundo “é o racismo e o eurocentrismo. A universalidade dos direitos humanos não é efetivada na prática midiática: humanos brancos, humanos europeus chamam mais atenção do que outros grupos humanos. Isto se deve, em parte, pela concentração das grandes corporações midiáticas em países da Europa Ocidental e nos EUA, e à predominância de homens brancos na direção dessas empresas. Outro componente é a naturalização da guerra no Oriente Médio, na África e no sudeste asiático, como se isso fosse próprio daquelas regiões”, destaca o professor James William Goodwin Júnior, que pesquisa História e Mídia no CEFET-MG.

“Numa guerra, a primeira vítima é a verdade”. A frase é atribuída a diferentes pessoas, desde um escritor da Grécia antiga a um senador dos EUA. Isso significa que é importante observar as narrativas construídas sobre o conflito a partir de perspectivas diversas. “Empresas midiáticas dos EUA e Europa Ocidental predominam no cenário capitalista mundial e, portanto, estão em melhores condições para impor sua narrativa da guerra. Percebe-se isso, por exemplo, quando

uma mesma ação (produzir coquetéis molotov, por exemplo) é apresentada como corajosa ação de resistência (ucranianos) ou abjeta ação terrorista (palestinos)”, comenta.

Ao contar uma história sob uma perspectiva, surgem problemas com a opinião pública, que pode ser instigada a promover retaliações desproporcionais a países e civis. “Ações que vão do ridículo à xenofobia, como deixar de servir *stroganoff* num restaurante brasileiro, ou retirar obras literárias russas de bibliotecas escolares”.

Todavia, é preciso chamar atenção para posturas do governo russo, agressor imediato nesta guerra, e que, há tempos, “vem se especializando na construção de narrativas, na difusão de inverdades, na propagação de um ambiente de questionamento à democracia. As agências russas de inteligência utilizam programas, robôs e dinheiro para patrocinar ‘gabinetes de ódio’ em diferentes países, utilizando os metadados para influenciar narrativas e disputas políticas. O plebiscito do Brexit e a eleição de Donald Trump são alguns exemplos”, acrescenta.

É preciso ter um olhar cuidadoso diante do consumo e do compartilhamento de notícias, que podem atender a interesses políticos, militares e econômicos. “Resgatar uma posição crítica, buscar maior quantidade de informações, trazer análise de qualidade e a partir de perspectivas diversificadas, essa seria uma cobertura útil do conflito. Nenhuma leitura do mundo é neutra, sempre é preciso um olhar crítico e inteligente sobre o que está sendo dito – e também sobre quem está dizendo e suas motivações”, finaliza.



GUERRAS EM TODO O MUNDO

2022 registra o maior número de conflitos violentos desde a Segunda Guerra Mundial

25% da população mundial está em área de conflito

Em 2021, **84 milhões** de pessoas saíram de suas casas para fugir de conflitos violentos

Em 2022, **24 milhões** de pessoas precisam de ajuda humanitária para sobreviver

FONTE: ONU

De volta à segunda casa

Retorno presencial dos estudantes é marcado por expectativas e desafios

• Nívia Rodrigues •

O aumento do nível da cobertura vacinal contra a covid-19 e a redução dos casos de contaminação e mortes trouxeram um momento há muito esperado: o retorno das atividades presenciais. No CEFET-MG, estudantes de todos os níveis de ensino retornaram aos *campi* em 21 de março, data de início do primeiro semestre letivo do ano de 2022.

A Semana do Acolhimento aconteceu com as tradicionais boas-vindas, apresentações de normas e setores e informações sobre a retomada presencial. Antes do retorno, a Instituição realizou a compra de álcool em gel, deu início ao processo de contratação das empresas responsáveis pelos restaurantes estudantis e informou sobre a exigência do envio *on-line* de comprovante de vacinação por parte dos alunos.

Elber Miguel da Silva, calouro da graduação em Engenharia Civil (*campus* Varginha), sentiu-se seguro para a retomada presencial e reafirma que os bons hábitos de higiene devem ser mantidos para prevenção, inclusive, de outras doenças. “Para nós, alunos, resta a responsabilidade de um proteger ao outro, pois os meus hábitos não apenas me protegem, mas ao meu colega”.

Na avaliação de Elber, o maior desafio foi institucional. “Apesar de hoje não ser necessário manter o distanciamento como proposto durante a pandemia, gerir tantos alunos em um ambiente físico limitado, de agora para frente, será um desafio”, reforça. O calouro afirma que prefere uma distância ligeiramente maior entre as carteiras e cadeiras e a continuidade do uso da máscara, “mas compreendo a dificuldade da Instituição, que é tomar decisões por um grupo. Dosar necessidades e riscos com certeza é o grande desafio”, conclui.

Comunidade se manifesta sobre o retorno presencial



“Estava ansioso, pois quero sentir aquela energia boa do campus, frequentar os laboratórios, estrear o novo ginásio e conhecer os meus colegas. Estou com expectativas muito boas para o retorno, espero poder fazer pesquisas, participar de muitos projetos e eventos promovidos pelo CEFET-MG.”

Kaike Gabriel, aluno do curso técnico em Eletrotécnica (*campus* Curvelo)



“Estou muito ansiosa e, ao mesmo tempo, receosa por ter ficado tanto tempo no ensino remoto. Querendo ou não, a modalidade nos trouxe uma tranquilidade e uma comodidade. Será estranho adaptar novamente, depois de passar pela experiência do remoto, não somos mais os mesmos e vimos outras formas de ensinar e aprender. Não será fácil, mas isso não significa impossível!”

Mayra Santos, aluna do curso técnico em Mineração (*campus* Araxá)



“No cenário pandêmico, as expectativas sobre como iríamos continuar eram intensas e preocupantes. A adaptação foi difícil e tivemos uma visão diversa da tradicional rotina de sala de aula. Será um desafio acostumar com o modelo presencial, porém o retorno é crucial para manter a qualidade do ensino, aprimorar o que aprendemos, conter a evasão e, principalmente, para a saúde mental da comunidade do CEFET-MG.”

Fernanda Gomes, aluna da graduação em Engenharia de Materiais e integrante do Compet (*campus* Nova Suíça)



“É muito bom podermos fazer o retorno presencial agora, com a segurança da vacinação. O convívio com colegas e professores possibilita a troca de ideias sobre as pesquisas, enriquecendo nosso desenvolvimento como pesquisadores. Além disso, proporciona momentos de distração, imprescindível para a manutenção do bem-estar.”

Camila Gomes, doutoranda em Engenharia Civil (*campus* Nova Gameleira)